

A Performance Cultural da “Cinderela” no filme produzido pela Walt Disney Pictures (2015). (Re)interpretações no cotidiano dos estudantes do sexto ano do Cepae/UFG e de uma escola particular em Goiânia – Goiás

Hellen Cristine S. Garcez*
Lorrana Laurence de Araujo**
Sainy Coelho Borges Veloso***

Resumo

Este artigo propõe algumas reflexões sobre o Conto de Fada Cinderela no filme produzido pela Walt Disney Pictures (2015). O trabalho foi realizado no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG) e numa Escola Particular em Goiânia – Goiás e teve caráter qualitativo. Nesses espaços de ensino, vivenciamos situações para além da sala de aula. A vida dos estudantes permanecia presente e refletida nas ações e discussões, escolhas e conflitos, pensando e refletindo o seu lugar no mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo a sua vivência, a relação com o outro e uma provável analogia com um processo contínuo e dinâmico que será (re)construído no decorrer da vida. O trabalho teve também como objetivo, conhecer a estrutura social, econômica, cultural, familiar e política na qual estão inseridos os estudantes envolvidos na pesquisa, permeando as dimensões cognitivas. Além de dialogar numa aplicabilidade como recurso didático e pedagógico, no Ensino de Artes Visuais, da Educação Básica.

Palavras-chave: produção cultural, Cinderela, ensino de Artes.

Cultural Performance of “Cinderella” from the movie produced by Walt Disney Pictures (2015). (Re)interpretations in the routine of the students of Cepae/UFG and a private school in Goiânia – Goiás

Abstract

This article proposes some reflections on the Cinderella Fairy Tale, in the film produced by Walt Disney Pictures (2015). The study was conducted at the Centro de Ensino e Pesquisa

* Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás – UFG – Câmpus Samambaia - Goiânia, Goiás. E-mail: hellencris_garcez@hotmail.com.

** Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás – UFG – Câmpus Samambaia - Goiânia, Goiás. E-mail: lorranalaurance@hotmail.com.

*** Graduada em Educação Artística pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, com especialização em Linguagens Artísticas e Educação (1991); mestrado em Artes (1998); doutorado em História Cultural (2008) pela Universidade de Brasília e pós-doutorado em Cultura y Sociedad na Universidad de San Martín, em Buenos Aires. Atualmente é professora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). E-mail: sainyveloso@yahoo.com.

Aplicada à Educação (Cepae/UFG) and at a private school in Goiania – Goias and had qualitative characteristics. In these educational spaces, we experienced situations that went beyond the classroom. The lives of the students remained present and reflected in the actions and discussions, choices and conflicts, thinking and reflecting their place in the world, the place of their social group and, above all their experience, the relationship with the other and a probable analogy with a continuous and dynamic process that will be (re)built throughout life. The work also aimed to get to know the social, economic, cultural, family and political structure in which they are inserted, permeating the cognitive dimensions. It also dialogues in an applicability as a didactic and pedagogical resource in Visual Arts Education.

Key words: cultural production, Cinderella, Visual Arts education.

Introdução

Nosso objeto de estudo recai na narrativa de Cinderela, no filme *Cinderela* (2015) produzido pela Walt Disney Pictures, e sua aplicabilidade como recurso didático e pedagógico no Ensino de Artes Visuais na Educação Básica.

Percebemos que a pesquisa nesse campo de estudo abarca múltiplos campos de *performances*. Consideramos como *performance*, o sentido proposto por Richard Schechner (2011, p. 12). Dessa maneira, “Algo ‘é’ *performance* quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso e a tradição, dizem que é”. O autor prossegue explicando que “rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são *performances* porque a convenção, o contexto, o uso e a tradição assim dizem”.

Nesse sentido, consideramos prodigiosa a ocasião em uma investigação, aprofundar neste espaço multidisciplinar, e verificar como isso ocorre na escola, por meio do ensino de Artes Visuais. Ademais, a pesquisa tem a intenção de refletir e indagar as *performances* no âmbito cultural e social, a partir da relação com a narrativa visual da princesa Cinderela, produção da Walt Disney Pictures (2015). O objetivo é refletir e questionar modelos representacionais impostos ao público infantil, ao mesmo momento em que percebemos como essas representações povoam o imaginário e orientam as *performances* de nossos estudantes. No entanto, é sabido que “um sistema cultural depende não apenas de seus significados conhecidos como também da própria ação humana e das potencialidades de mudanças nas relações entre os seres humanos” (TURNER, 2008, p. 33).

Deste modo, percebemos que a pesquisa nesse campo de estudo inclui múltiplos domínios de *performances*, possibilitando que nomeemos,

apontemos, refletamos e também os relacionemos com o cotidiano e a cultura do público alvo do filme *Cinderela* (2015). O filme referido possui classificação livre e conta com uma adaptação clássica em animação da Walt Disney que sugere uma nova forma de contar contos de fadas com atores e atrizes, além de uma computação gráfica bem construída. O filme recorre a um charme modesto da personagem “Ella” e exalta o romance, a magia; e também valores como coragem e bondade, repercutidos ao longo do filme. Dessa forma, esses mecanismos enunciativos podem perpetrar nas representações do imaginário cultural infantil, disperso pela produção da indústria cultural. Essa é tão poderosa que permite uma recepção não muito consciente do filme, no qual o sujeito é levado a projetar-se na representação como fantasia ou sonho. Avaliamos que, ao trabalhar em sala de aula, possa somar no processo de transformação da realidade.

Assim, percebemos a importância dessa investigação, ou seja, de se ter uma elucidação sobre o suposto e vasto tema das performances culturais no que diz respeito às produções sobre os Contos de Fadas, mais especificamente no que se alude à narrativa de *Cinderela*, da Walt Disney, presentes no imaginário cultural infantil. Por outro, o conhecimento adquirido irá nos auxiliar na prática docente, ao dar-nos subsídios para compreendermos melhor o vasto mundo imaginário infantil e suas representações.

A Ação se desenvolveu com turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, realizada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae/UFG) e também numa Escola Particular em Goiânia – Goiás. O propósito deste trabalho consistiu em contextualizar o conceito de Performances Culturais, a partir da relação com a narrativa visual, da princesa Cinderela, da produção da Walt Disney Pictures (2015), pois as produções desses tipos de contos são carregadas de imagens visuais, representações, discursos embaçados e complexos para o público infantil e juvenil, alvo das produções da Walt Disney.

Nossa ação foi realizada por meio de aulas expositivas e dialogada, com o uso do filme como recurso didático visual e dos questionários com o intuito de problematizar e conceituar temas que evocam as Performances Culturais, tais como: comportamento restaurado (SCHECHNER, 2011), liminaridade (TURNER, 1974) e estereótipos. Além de uma ação artística através de colagens, e assim, refletir e analisar uma leitura da realidade social, compreendendo de que forma esses discursos estimulam o imaginário daqueles estudantes, incentivam, ou mesmo, impõem estereótipos e papéis sociais e também influenciam em produtos de consumo, comportamento e desejo.

Luz

A realização das ações, ora na escola pública, ora na escola privada, apresentou desafios e exigiu posturas distintas frente às instituições que lidam com sujeitos sociais diferentes, que têm práticas e objetivos diversos. Como em toda pesquisa, na qual precisamos negociar com instituições para ter acesso aos sujeitos a serem investigados, tivemos que negociar com os seus representantes.

Tivemos maiores dificuldades para acessar a escola privada, foram várias tentativas, várias visitas e negociações negadas, mesmo com a apresentação de uma carta da orientadora do projeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica em Licenciatura (Prolicen).

Até que em meio aos desapontamentos, surgiu a ideia de levar a nossa proposta numa escola próxima à Universidade Federal de Goiás (UFG), de imediato a diretora embarcou na ideia, mas com um combinado de frequentar a escola todas as sextas-feiras, para auxiliar as pedagogas da Educação Infantil com atividades artísticas, para então, posteriormente aplicarmos nossa ação com os estudantes do 6º Ano, no qual foi a nossa proposta de intervenção pedagógica. Segundo a direção, a Escola Particular não poderia abrir mão do planejamento anual para que executássemos nossa ação na data que desejávamos, mesmo sabendo que era fim de ano letivo e os estudantes tinham mais atividades de recreação e ficavam bastante ociosos em algumas aulas.

Desde os primeiros dias de pesquisa percebemos que vários questionamentos estariam presentes, não apenas por parte dos diretores das escolas e coordenação, bem como dos estudantes que procuravam classificar, localizar a equipe de pesquisa da universidade. Numa das primeiras inserções na instituição privada, enquanto observávamos os estudantes no pátio, não demorou muito para que fôssemos abordadas por um grupo de estudantes, que nos indagaram se éramos as novas tias que iam cuidar deles ou estagiárias ou até mesmo policiais investigadoras.

Os professores, por sua vez, depois de várias conversas explicativas, do que se tratava a nossa pesquisa, nos colocavam apenas como estagiárias e diziam que deveríamos auxiliar as professoras na organização da sala e atividades distantes do ensino de artes. Esperávamos ser reconhecidas como pesquisadoras que procuravam colaborar na solução dos desafios da sociedade. Entretanto, no percurso da pesquisa, nos auxiliaram fornecendo informações sobre o cotidiano da escola e sobre o comportamento daqueles

estudantes. Outros aproveitavam a ocasião para solicitar que fizéssemos atividades artísticas diferentes do que estavam acostumados a dar na escola. No Cepae/UFG circulamos sempre com mais “liberdade”. O professor abriu a sala e aplicamos nossa ação sem precisar de combinados ou exigências tão severas. Nesta instituição nosso trabalho foi surgindo a partir da observação das aulas de Artes Visuais, que estavam sendo desenvolvidas a partir de um plano de curso do último bimestre com os temas: História da Arte (indígena e africana). A única exigência feita para desenvolvimento da ação no Cepae/UFG foi à de estabelecermos uma conexão entre o eixo temático abordado e o nosso projeto de pesquisa. No entanto conseguimos aplicar nossa ação com sucesso nas duas instituições.

Câmera

Para a realização da ação, partimos do princípio das questões contemporâneas que envolvem as relações de etnia, classe social e gênero. Inicialmente apresentamos uma aula expositiva dialogada com os estudantes sobre diferentes contextos e formas culturais que fazem parte do nosso cotidiano. Desse modo, conversamos sobre gostos por filmes, livros, televisão, música entre outros, para problematizar os estereótipos, comportamentos e imagens dispersos no meio social. A partir dessa conversa pedimos para que apontassem e elegessem desenhos/filmes preferidos, partindo de perguntas que estimularam o interesse e a participação.

Sendo assim, nossa estratégia foi escolher trechos do documentário *África, uma história rejeitada* (1995) produzido por Joel Westbrook, que nos apresenta a riqueza, a diversidade e o legado histórico e cultural das civilizações africanas, bem como as marcas das intervenções árabes e europeias nesse continente, a fim de abordar por meio do vídeo, fatos de uma realidade desconhecida por muitos, pois os livros que estudamos há tempos atrás e até hoje, só nos apresentava uma África de miséria, de fome, de conflitos internos.

A partir desse documentário, iniciamos um debate sobre os conceitos de estereótipo, preconceito e cultura, tanto com os estudantes do Cepae como os da Escola Particular, para compreenderem que o continente africano não é somente pobre, ele tem partes ricas, porém pouco mostradas, fazendo com que os olhos da massa se voltem para a ideia de ser um continente miserável e inferior.

Trabalhar com esse documentário sobre a África possibilitou uma discussão interessante, em que todos participaram e contribuíram com exemplos, nos proporcionando um gancho para problematizar e conceituar os temas que evocam as Performances Culturais, tais como: comportamento restaurado (SCHECHNER, 2011), liminaridade (TURNER, 1974) e estereótipos.

No campo das performances culturais, Richard Schechner (2011, p. 2) afirma que *performance* é “exibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem”, ainda segundo o autor, a performance ocorre na vida cotidiana, nas artes e também nos rituais. Já o comportamento restaurado é simbólico e reflexivo. São hábitos, rituais e rotinas que ocorrem na vida cotidiana. Pode ser compreendido também como comportamento aprendido socialmente, ou seja, “me comporto de acordo como aprendi”. A performance pode ter a função de entreter; formar ou modificar uma identidade; construir ou educar uma comunidade.

Nosso objeto de estudo, ou seja, a narrativa de *Cinderela*, no filme *Cinderela* (2015) produzido pela Walt Disney Pictures, e sua aplicabilidade como recurso didático e pedagógico no Ensino de Artes Visuais na Educação Básica, foi trabalhado e compreendido “enquanto” performance, a fim de elucidarmos problemáticas que permeiam o imaginário social. Como afirma Carlos Augusto Serbena (2003, p. 5):

O imaginário possui uma função social e aspectos políticos, pois na luta política, ideológica e de legitimação de um regime político existe o trabalho de elaboração de um imaginário por meio do qual se mobiliza afetivamente as pessoas.

O conceito de liminaridade ritual está exemplificado no desejo dos indivíduos inferiores aspirarem à superioridade simbólica, pois desse modo se colocam as “margens” da sociedade, e os atores sociais encontram oportunidades de despojar-se ao novo grupo, a nova situação, fazendo se inscreverem e se reafirmarem, sem status, vestes ou adereços que indicariam seu “papel social”.

O estereótipo foi abordado como generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros. Podendo ser sobre a aparência, roupas, comportamento, cultura etc. Estereótipos são pressupostos sobre determinadas pessoas, que muitas vezes acontecem sem ter

conhecimento sobre grupos sociais ou características individuais, como a aparência, condições financeiras, comportamento, sexualidade etc.

Nesse sentido, percebemos que era necessário preparar os estudantes para serem críticos e que a nossa proposta estava sendo dinâmica e eficaz. Diante da afirmação do Jurjo Santomé (1995, p. 159):

Uma das finalidades fundamentais de toda intervenção curricular é a de preparar os/as alunos/as para serem cidadãos/ãs ativos/as e críticos/as, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática. Uma meta desse tipo exige, por conseguinte, que a seleção dos conteúdos do currículo, os recursos e as experiências cotidianas de ensino e aprendizagem que caracterizam a vida nas salas de aula [...].

Voltando ao tema polêmico a cerca dos estereótipos sociais, apresentamos a imagem de uma mulher negra (Princesa Akosua) e questionamos os educandos acerca de quem ela poderia ser. E, em seguida, relacionando-a com a imagem da personagem Cinderela do filme da Walt Disney (2015). Nesse momento, os estudantes de ambos os colégios, não imaginavam que a mulher negra poderia ser uma princesa. Dessa forma, contamos que a Princesa Akosua desbravou caminhos na indústria cinematográfica estrelando em filmes como *Native Son*, *The Color Purple*, *Rosewood* e *Tearsofthe Sun*. E que essa Princesa foi uma das três coautoras para a adaptação cinematográfica do romance de Toni Morrison.



Figura 1 – Princesa Akosua.

Disponível em: <<http://www.fatosdesconhecidos.com.br/10-principes-e-princesas-que-ainda-existem-no-mundo/>>. Acesso em: 16 fev. 2016.



Figura 2 – Cinderela.

Disponível em: <<http://www.vortexcultural.com.br/cinema/critica-cinderela-2015/>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

Ao colocarmos em questão o estereótipo de ser princesa, verificamos que quase não era presente no imaginário daqueles estudantes a imagem de princesas negras. Era muito visível, a figura de personagens de princesas nos próprios materiais escolares de alguns estudantes, sobretudo dos estudantes da Escola Particular, tais como: embalagens de lanches e até nos enfeites de cabelo das meninas.

Compreendemos que a produção dos filmes, desenhos animados e programas infantis são carregados de imagens visuais e representações, além de discursos embaçados e complexos para esse público, alvo das produções da Walt Disney, que julgamos ainda não ter um discernimento crítico. Na concepção de Fernando Hernández (2011), a Cultura visual propõe discussões e reflexões sobre os efeitos que as imagens dessas produções carregam nos sujeitos, e essas interferem de forma incisiva na construção das identidades infantis e práticas discursivas. É o “conhecer-se” por meio da representação.

Isso significa considerar que as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos. (HERNANDEZ, 2011, p. 33).

Discorrer sobre esse assunto com aquelas turmas, seria positivo e muito desafiador, pois nos levaria a (re)construções de paradigmas, nos levando a pensar em algumas considerações, apontamentos, reflexões rela-

cionadas com o cotidiano e a cultura do público alvo do filme *Cinderela* (2015). Pensamos que ao trabalhar em sala de aula esse tema, isso estabelecia uma soma nesse processo de transformação da realidade, diante de subsídios para compreendermos melhor o vasto mundo imaginário infantil e suas representações.

O filme *Cinderela* (2015) contribuiu como recurso didático para pensarmos e analisarmos de que forma esses discursos estimulam a imaginação das crianças, incentivam, ou mesmo impõem estereótipos e papéis sociais e também influenciam em produtos de consumo, comportamento e desejo.

Ao apresentarmos a intenção de assistir ao filme, houve uma grande agitação por parte dos estudantes dos dois colégios. No primeiro momento, os meninos estudantes do Cepae/UFG não queriam assistir *Cinderela*, enquanto as meninas se identificaram com a proposta. Nesse momento, pensamos que não conseguiríamos atingir nossos objetivos, porém os ânimos foram se acalmando e conseguimos levar o filme para sala de aula. Durante a exibição, visivelmente percebemos que a história e toda sua visualidade os agradou. Dessa forma, foram se interessando e se envolvendo com o drama, mas sempre assumindo uma postura crítica em relação ao filme, mesmo não querendo que o mesmo fosse desligado antes de bater o sinal para irem para outra aula.

Alguns dos estudantes da Escola Particular assistiram ao filme. No primeiro momento, com mais interesse em entretenimento do que em ter um olhar mais crítico em relação à narrativa do filme *Cinderela*, pois enquanto o filme era exibido, alguns estudantes queriam dormir ou conversar, não querendo oferecer um olhar mais crítico e atento à narrativa. Outros estudantes já identificavam os personagens e disputava entre eles o papel atribuído à personagem principal do filme: Ella, a Cinderela. Algumas meninas admiravam essa personagem e queriam imitar, pois sentiam o desejo de possuir as características da Cinderela. Nesse sentido, uma das estudantes associava a sua aparência com a da personagem e por isso ninguém mais poderia querer ser a tal princesa, a não ser ela. Além do mais, a estudante falava que existiam outras personagens que tinham mais a ver com a aparência das colegas. Nesse momento, advertimos que aquela aula não era para dormir, nem imitar a personagem e muito menos ficar disputando quem tinha as características da Cinderela, mas deveriam ver o filme de forma crítica. Depois dessa conversa com a turma foi possível assistir ao filme e dialogar sobre a *performance* evidenciada pelo drama.

A história apresentada no filme *Cinderela* (2015) continua sendo a tradicional, atualizada apenas com novos efeitos visuais e especiais. Conta o drama da moça que perde o pai, e passa ser a empregada da madrasta. Ela é frágil, indefesa e submissa aos mandos e desmandos da megera. Tem como características físicas: um corpo esguio, cabelo loiro e olhos azuis. No filme, a atriz tem uma cintura extremamente fina. Já o príncipe é apresentado como um jovem rico, poderoso e livre, com um bom coração. E com características físicas também estereotipadas: olhos azuis, beleza e masculinidade. Observamos que neste filme, a maioria dos atores escalados são brancos, exceto um ator negro que interpreta o papel de amigo do príncipe.

Ao levar um filme para a escola é necessário planejamento no que se refere ao tempo, pois no Cepae/UFG tínhamos 1h30min de aula, enquanto na Escola Particular, 50 minutos. Nesta última, a ação foi autorizada a ter maior tempo pela direção, para que os estudantes conseguissem ver o filme por completo e para que pudéssemos dialogar todas as problemáticas envolvidas.

É possível considerar que trabalhar com essa temática é uma forma de problematizar os papéis de homem e de mulher na sociedade, as formas de violência, a padronização de “beleza” e formas de julgamentos e considerações, para além da contribuição com experiências cotidianas que envolvem construções de conhecimentos e das subjetividades, bem como, de nós, futuras professoras. Constatamos isso numa afirmação da professora Sainy Veloso (2014, p. 200):

Nesse sentido, as performances culturais postas em cena sob os holofotes dos valores expositivos de nossa sociedade espetacular permitem, por meios dos Estudos das Performances Culturais, estudar nossos rituais e criticar nossos desempenhos como atores sociais e a posição que assumimos em determinados cenários, de aceitação ou submissão (que indica associação), da necessidade de aceitação social ou aprovação, bem como a banalização e alienação desta sociedade.

Após assistir ao filme, pedimos aos estudantes que respondessem ao questionário que distribuímos para analisarmos o referido filme e identificar as influências culturais presentes, tais como: comportamentos e estereótipos que refletem em nosso meio social. Usamos dessa metodologia, porque os estudantes do 6º Ano Cepae/UFG são dispersos e conversam bastante uns com os outros, elevando um alto nível de interação e uma dificuldade de debates.

Na turma do 6º Ano da Escola Particular foi possível observar também que eram estudantes mais silenciados e entendem que é perda de tempo falar do cotidiano e da vida social, importando apenas com conteúdos específicos da disciplina. Chegamos a essa conclusão após uma tentativa de propor um debate e conversa com o objetivo de aproximar nossa aula com a realidade dos estudantes. Desse modo, perguntamos sobre os filmes que os estudantes gostavam de assistir e se tinham o hábito de ir ao cinema ou de assistirem em casa. Naquele momento, fomos surpreendidas com o relato de um estudante, no qual expunha que o lazer não fazia parte dos conteúdos da escola e que nós não poderíamos misturar o que eles faziam fora da escola com o que era ensinado a eles no ambiente escolar. Após isso, o estudante ainda nos solicitou desenhos, já que entendia que a aula de arte era para desenhar e pintar.

Naquele momento sentimos a vontade de desvendar o mal-entendido em relação à aula e defendemos que a aula de arte poderia tratar de temas da vida cotidiana e dos temas polêmicos, e deste modo potencializávamos a execução de um trabalho plástico; a partir dos debates que estávamos construindo e desconstruindo no decorrer da nossa aula. Dessa forma, eles conseguiriam refletir ainda mais e analisar as formas que os discursos estimulam o imaginário, incentivam, ou mesmo impõem estereótipos e papéis sociais que também os levam a consumir os produtos e a eleger comportamentos.

Nessa perspectiva, pensamos que a produção de sentido pelo estudante é de extrema importância e urgência no mundo contemporâneo. É necessário repensar o que a escola abrange por período de aprendizagem. Portanto, o processo de ensino-aprendizagem está em volta das emoções, sentimentos. Dessa forma, reconhecemo-nos em Carmem Sanches Sampaio (2002, p. 186-187):

As diferentes formas de perceber, de pensar, de sentir da criança passam a ser vistas como ausências de saber. Os caminhos percorridos pelas crianças, na maioria das vezes, desconhecidos para a escola, não são reconhecidos como passíveis de levar ao aprendizado.

Conseguimos notar as representações em relação à construção da identidade e do sentimento de pertencimento dos estudantes para apreendermos o sentido que os estudantes atribuíam ao referido conto à situação do seu cotidiano/mundo.

Posteriormente, em outra aula, iniciamos uma investigação prática. Entregamos aos estudantes uma folha A4 em branco e imagens coloridas da Cinderela, do Príncipe, do rei negro Céphas Bansah e da Princesa Akosua, no qual foi proposto aos estudantes montagens a partir de colagens, de acordo com a sua percepção do filme, atribuindo outro final e significado para a história da Cinderela.

A Escola Particular nos disponibilizou uma grande quantidade de materiais para tal atividade, com diversos itens de pintura, como: tinta óleo, tinta aquarela, pincel, marcadores, lápis de cor, pastel seco, pastel oleoso, papéis coloridos, colas, purpurinas e outros. Percebemos que os estudantes dessa escola, de modo geral, se sentiram estimulados na construção do trabalho de colagens. A falta de recursos de materiais para os estudantes do Cepae/UFG, não impediu que eles fossem criativos e críticos.

Nos contornos estéticos daquilo que os estudantes entendiam como uma princesa, referenciais de classe e de cor vêm incorporados para a elaboração de um referencial de gênero: o destaque dado aos vestidos, ao brilho da carruagem, à beleza que se mostra branca e jovem e, ainda, nas posturas corporais entendidas como elegantes, constituíam os critérios daquilo que uma pessoa precisa ter para poder ser.

Nesse momento puderam refletir ainda mais e analisar as formas que os discursos estimulam o imaginário, incentivam, ou mesmo, impõem estereótipos e papéis sociais que também os levam a consumir os produtos, elegerem comportamentos, cometidas das questões raciais, quando se trata da “aparência” das personagens, em aspectos dos corpos visualizados (“olhos verdes”, “cabelo liso”, “loiro bem comprido”). Nesse sentido foi possível perceber, segundo José Leon Crochik (2006, p. 23): “numa cultura que privilegia a força, o preconceito prepara a ação da exclusão do mais frágil por aqueles que não podem viver sua própria fragilidade”.

Por outro lado, temos outros contrastes, ao observarmos, diante das respostas de alguns estudantes do Cepae/UFG, no qual pauta sobre alguns filmes em diálogos com o estereótipo, com a violência levando ao preconceito com o negro, diante de uma fala de um estudante que se posiciona e nos alerta de que estamos no século XXI e deveríamos parar para refletir e pensar nos estereótipos que se dispunham nos filmes, afirmando que não via muito a presença de negros integrando os grandes elencos, e quando aparecem, reproduzem as figuras do cretino, do bandido, do malandro, do serviçal.

A partir dessa resposta do estudante do Cepae/UFG, abrangemos que algumas atitudes podem repercutir como uma banalização da violência, vendo como uma vivência cotidiana e normal, e por isso é imprescindível que devemos problematizar os assuntos contemporâneos (relações de etnia, classe social etc.) como aporte temático, levando uma reflexão do que poderia estar agindo em prol da perpetuação da barbárie e como assim pensar numa forma de combater isso.

Por fim, os encontros com os mais variados atores sociais, nesses dois universos, também foram marcados por momentos de descontração, de alegria e risos, de esperança, de partilha, de desabafos, de emoções.

(In)conclusão

A ação surgiu por meio das inquietações que foram nascendo ao longo do percurso da pesquisa sobre como poderíamos questionar os modelos representacionais impostos ao público infanto-juvenil, que povoam seu imaginário e que podem orientar os estudantes a reproduzirem formas estereotipadas em seu dia a dia, sabendo que essas podem gerar preconceitos em relação ao outro. Diante das observações e participações no campo, estas e várias outras questões foram emergindo, pois a vivência no campo de pesquisa tem sido primordial para que possamos pensar em mecanismos, estratégias e articulações ao propor planos de aulas e ações pedagógicas, no que se observam as Performances Culturais reinterpretadas.

O propósito deste trabalho consistiu em utilizar como recurso didático visual o filme *Cinderela* (2015), pois as produções desses contos são carregadas de imagens visuais e representações mentais, discursos embaçados, complexos para o público infanto-juvenil, alvo das produções da Walt Disney. E assim, refletir e analisar de que forma esses discursos estimulam o imaginário das crianças, incentivam, ou mesmo, impõem estereótipos e papéis sociais e também influenciam em produtos de consumo, comportamento e desejo.

O filme foi utilizado com a intenção de desenvolvermos uma ação em diálogo também com a história e pedagogia cultural. O filme é um produto cultural que dissemina conceitos e valores; determina e normaliza conceitos de beleza, feminilidade e masculinidade e até mesmo valoriza a hegemonia branca sobre as demais. E contribui para moldar, por meio da imagem como produto social, o imaginário e os papéis de meninos e meninas, futuros

homens e mulheres na sociedade. Nosso papel, como educadoras foi tentar desmistificar o papel da “princesa” e do “príncipe” e também o conceito de beleza, mostrando que a sociedade é diversa, mais do que nos é apresentado pelos filmes e produções culturais.

O trabalho nos fez pensar sobre a importância da escola como um espaço para a ampliação de pedagogias esclarecedoras e não apenas como um espaço de reprodução de conhecimento acrítico, como vem sendo vivenciada. Compreendemos que o Ensino de Arte e o campo das Performances Culturais podem mediar o debate como campo de ação. Assim como afirma Armando de Barros (1999, p. 27-28):

A presença pedagógica da imagem educando os sentidos é histórica. Todavia, a escola permanece entre o fascínio, o receio e a paralisia. [...] urge discutir seu estatuto, seu campo, suas metodologias, de forma a permitir a escola intervir concretamente nas práticas sociais que autorizam ao olhar significar a imagem, identificando e dialogando com os atores sociais que teimam em ocultar-se.

Como já foi mencionado, esse estudo sempre procurou dar visibilidade aos jogos das questões contemporâneas, no que desencadeia as diferenças, as relações e aos desdobramentos das tramas sociais em busca das verdades que contribuíram, ontem, e contribuem, hoje, para o desenho nunca completo dos contornos identitários daqueles estudantes.

Assim, percebemos a importância do tema desenvolvido que possibilitou uma elucidação a respeito das produções sobre os Contos de Fadas, mais especificamente no que se alude à narrativa de “Cinderela”, da Walt Disney, presente no imaginário cultural infanto-juvenil. E também, o conhecimento adquirido irá nos auxiliar na prática docente, ao dar-nos subsídios para compreendermos melhor o vasto mundo imaginário infantil e suas representações.

Dialogamos numa perspectiva de que essa tarefa ainda não está por concluída, nossas pretensões aqui recaem apenas em criar um momento de suspensão, de pausa, para que as ideias possam arejar antes de seguir um caminho. Aqui se apresentou apenas um fragmento dentro de um trabalho longe de ser esgotado ou concluído.

Referências

- BARROS, A. Tratamento das imagens na formação do pedagogo. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n.15, maio/ago. 1999. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36859>>. Acesso em: 11 fev. 2016.
- CARDOSO, C. F. Uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Org.). *Representações - contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000. p. 9-29.
- CROCHÍK, J. L. O Conceito de Preconceito. In: _____. *Preconceito, Indivíduo e Cultura*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). *Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p. 31-49.
- SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas do currículo. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 159-172.
- SCHECHNER, R. Performers e espectadores: transportados e transformados. *Revista Moringa Artes do Espetáculo*, v, 2, n. 1, 2011. Disponível em: < <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/9993/5473>>. Acesso em: 08 mar. 2016.
- SAMPAIO, C. S. Educação brasileira e(m) tempo integral. In: COELHO, L. M. C. da C.; CAVALIERE, A. M. (Org.). *Alfabetização e os múltiplos tempos que se cruzam na escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 182-196.
- SERBENA, C. A. Imaginário, ideologia e representação social. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, v. 4 n. 52, dez.2003. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>>. Acesso em 05 fev. 2016.
- TURNER, V. *O Processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. São Paulo: Vozes, 1974. p. 116-159.

VELOSO, S. Entre tabladros e arenas: performances culturais. Urdimento, v. 2, n. 23, p 188-205, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102232014188>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

.....

Recebido em: 13 maio 2016.

Aceito em: 19 jul. 2016.